JORNAL DA PUC

Impresso Especial
9912176747/2007-DR/RJ
Faculdades Católicas
CORREIOS

Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários Ano XXV Nº 274 2 de outubro de 2013

Estímulo à prevenção na saúde

Universidade desenvolve campanha para incentivar hábitos saudáveis

Problemas cotidianos prejudicam a produção do trabalhador na empresa e isso reflete na saúde. De acordo com o coordenador de Serviço de Engenharia e Segurança e Medicina do Trabalho, o médico Álvaro Martins, é importante que as empresas invistam na saúde dos funcionários. Com isso, a instituição tem maior lucratividadade e menos afastamentos por doenças. É obrigatório por lei que as empresas promovam anualmente a Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho (SIPAT). A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes da PUC-Rio realizou a XXI SIPAT, entre os dias 16 e 20 de outubro. A semana tem o objetivo de levar aos funcionários informações a respeito de como cuidar da saúde física e psicológica. **PÁGINA 7**

GABRIELA DORIA

PÁGINA 6

Encontro dos quilombolas

Descendentes de escravos e indígenas expõem produtos típicos

Novo titular na Engenharia Mecânica

O professor Márcio da Silveira Carvalho, do Departamento de Engenharia Mecânica, tomou posse como Professor Titular da PUC-Rio. Carvalho foi recebido pelo Reitor, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., em uma sessão solene do Conselho Universitário. O professor proferiu a aula magistral Hidrodinâmica Capilar: das telas planas à recuperação de petróleo. **PÁGINA 3**

Aulas magnas do IRI e da Educação

O Departamento de Educação e o Instituto de Relações Internacionais (IRI) realizaram aulas inaugurais em setembro. A professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) Claudia Fernandes participou da aula de Educação sobre o sistema avaliativo. Ela reforçou a diferença entre prova e avaliação. Já na do IRI, esteve presente o professor Richard Ned Lebow, do Dartmouth College. **PÁGINA 3**

60 anos de pós em Medicina

A Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio completou 60 anos. Em parceria com a Assistência Médica Internacional (Amil), a Universidade promoveu um ciclo de palestras sobre temas pertinentes à medicina atual, como o mal de Alzheimer e a depressão. O cientista Miguel Nicolelis apresentou sua pesquisa de interação humano-máquina. **PÁGINA 5**

Rocinha como tema de projeto

Morador da Rocinha, ex-aluno de Desenho Industrial da PUC-Rio e do Neam, Davison Coutinho é o autor do livro *Um olhar sobre a produção cultural na Rocinha*. Ele conta como surgiu a ideia de fazer esse projeto que virou livro e revela os planos para a carreira de escritor. **PÁGINA 11**

JORGE PAULO

Projeto final do curso de Desenho Industrial ganha formato de livro

Universidade participa da Bienal do Livro de 2013

PÁGINA 9

O sucesso dos 21 anos do PIUES

O Programa de Integração Universidade Escola Sociedade, hoje, engloba mais de 11 disciplinas. Além do PUC por Um Dia e do PUC por Um Semestre, ele está presente em feiras e palestras realizadas nas escolas, e no Programa de Vocação Científica (Provoc). **PÁGINA 5**

Vida e obra de Tolkien, o pai da fantasia

PÁGINA 12

REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., comemora os resultados obtidos pela Universidade no Ranking Universitário Folha e nas pesquisas do Guia do Estudante da Editora Abril, e agradece o empenho da comunidade educativa para manter o lugar de destaque. **PÁGINA 2**

REITOR

Os resultados de nossos esforços

Mais uma vez, podemos comemorar os resultados dos esforços que a comunidade educativa da PUC-Rio vem fazendo para manter o nosso lugar de destaque no Ranking Universitário Folha (RUF), e nas pesquisas do Guia do Estudante da Editora Abril, 2013.

No Ranking Universitário da Folha de São Paulo (RUF), que neste ano de 2013 avaliou 192 Universidades Brasileiras, públicas e privadas, com mudanças nos critérios em relação ao ano anterior, a PUC-Rio ficou em 15º lugar, com nota total de 84,31. Dentre as privadas, conservamos o nosso 1º lugar no ranking nacional. Também no item de porcentagem de doutores em instituições avaliadas no RUF, consideradas as melhores do ranking geral, ocupam o 1º lugar a USP, entre as públicas, e a PUC-Rio entre as privadas. Merece também destaque o critério da internacionalização, que pela primeira vez foi considerado na posição dos rankings, onde ocupamos o 3º lugar no Brasil. No ranking dos cursos, que envolve professores que avaliam os cursos de graduação para o Inep-MEC, professores com doutorado, professores com dedicação integral e nota Enade, ficamos em 1º lugar em Análise de Sistemas, 4º lugar em Economia e Marketing e Propaganda, 5º lugar em Engenharia Mecânica, 6º lugar em Pedagogia, 8º lugar em Letras, 9º lugar em Engenharia de Produção e Matemática, 10º lugar em Ciência da Computação. Já no ranking de inserção no mercado, feito com responsáveis pela área de recursos humanos de empresas, a PUC-Rio ficou em 3º lugar em Análise de Sistemas, 4º lugar em Engenharia de Produção, 5º lugar em Direito e Jornalismo, 6º lugar em Economia e Engenharia Civil, 7º lugar em Ciência da Computação e Engenharia Mecânica, 10º lugar em Arquitetura e Urbanismo.

No que se refere ao Ranking das pesquisas do Guia do Estudante 2013, dos 32 cursos avaliados, 21 mantiveram a mesma classificação do ano anterior, e 7 melhoraram suas classificações. Assim, aumentamos o número de cursos com 5 estrelas, passando de 14 no ano de 2012 para 18 em 2013, reduzindo com isso o número de cursos com 4 estrelas, de 16 em 2012, para 12 em 2013. Tivemos apenas 2 cursos com 3 estrelas, o que é compreensível por se tratarem de cursos novos. Vamos aguardar agora o resultado da premiação das áreas que ocorrerá em novembro em São Paulo.

Embora esses resultados se referem apenas aos cursos de graduação, não podemos deixar mais uma vez de agradecer a toda comunidade educativa da PUC-Rio pelos esforços na melhoria de nossos cursos, pois essas avaliações externas nos ajudam a cada ano no aperfeiçoamento daquilo que fazemos com muito amor, dedicação e competência, enobrecendo com isto a Instituição, e contribuindo para a melhoria do ensino e da pesquisa em nosso país. Mesmo com um corpo docente e discente menor, se compararmos com outras instituições públicas e privadas, conseguimos manter um lugar de destaque nos rankings nacional e regional, testemunhando que a qualidade é mais importante do que a quantidade, sobretudo quando existe uma dimensão elevada de pertencimento institucional.

PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Identidade e missão

A PUC-Rio tem o dever de testemunhar a sua identidade cristã e católica, não tanto mediante palavras, mas, sobretudo, mediante os princípios e valores que a sua identidade comporta e que deveriam permear o seu ensino, a sua pesquisa e as suas atividades de extensão. Não pode limitar-se a nossa Universidade a formar pessoas apenas tecnicamente bem preparadas para encontrar um bom emprego e responder às necessidades do mercado. Se a nossa Universidade cumprir as exigências da sua missão, aqueles e aquelas que nela se formaram deveriam se sentir chamados, não apenas a encontrar um emprego que lhes permita se sustentar e, ao mesmo tempo, responder às obrigações que esse emprego implica, mas também a serem fiéis aos princípios e a testemunhar na sua vida, e também mediante o seu trabalho, os valores inerentes à sua identidade.

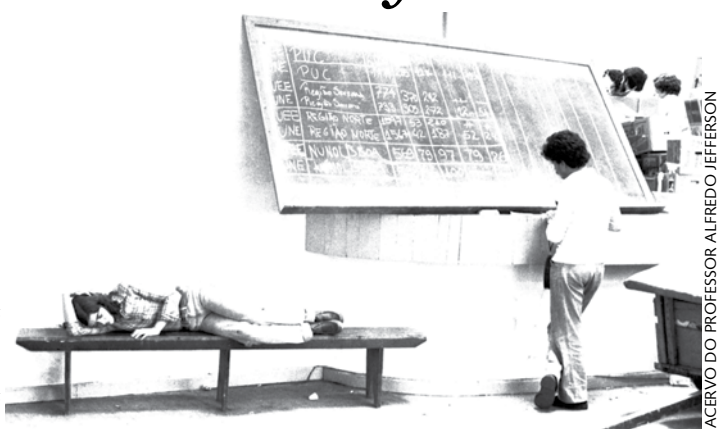
Alguns dos nossos antigos alunos poderiam dizer: "Mas eu não sou nem católico, nem cristão. Portanto, essa exigência não se aplica no meu caso". Aplica-se sim. Na PUC, além de uma substancial maioria de católicos, temos também cristãos evangélicos e pentecostais, estudantes da religião judaica e afro-brasileira, e até uma porcentagem de mais de 20% que declaram não ter nenhuma filiação religiosa específica. A PUC-Rio quer sublinhar, no desempenho da sua missão, que o que é mais importante na nossa formação universitária não é apenas o conhecimento, seja técnico, social ou literário, mas também e, sobretudo, os princípios e valores que a nossa identidade, se não sempre religiosa, pelo menos como seres humanos moral e socialmente responsáveis, nos exige testemunhar no nosso falar e atuar no Brasil de hoje. A nossa sociedade precisa muito desse testemunho.

PE. FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR

www.aaapucrio.com.br

CRÔNICAS DE MEMÓRIA
Fotografias: Janelas do Tempo

Longa jornada noite afora



ALFREDO JEFFERSON / ACERVO DO PROFESSOR ALFREDO JEFFERSON

Apuração dos votos das eleições para UNE e UEE (05/10/1979)

A foto desta coluna registra um fragmento do processo de abertura política no Brasil no fim dos anos 1970. Remete a um momento crucial para o movimento estudantil, durante a apuração dos votos da eleição para as diretorias da UNE (União Nacional dos Estudantes) e da UEE (União Estadual dos Estudantes), que, com o Golpe de 1964, haviam sido colocadas na ilegalidade e assim continuavam.

A moça que dorme no banco de madeira era um dos 300 voluntários que participaram da apuração, muitos acampados por ali mesmo na virada da noite. Ela parece alheia ao burburinho da apuração e ao barulho que as chapas concorrentes às eleições faziam do lado de fora do antigo ginásio esportivo. Seu sono pesado, quem sabe, atribui-se ao desgaste físico e mental das duras lutas travadas num momento tão crítico da vida nacional, mas ao mesmo tempo de intensa mobilização da juventude estudantil e desejo por dias melhores.

Apuraram-se na PUC-Rio 45 mil votos do Estado do Rio. Foram 340 mil votantes no país num universo de pouco mais de um milhão de universitários. Foi a primeira vez que a UNE utilizou o voto direto nas suas eleições. Elas ocorreram nos dias 3 e 4 de outubro de 1979 sob ameaças: os DCEs e CAs haviam voltado a funcionar nas universidades, mas a UNE e as UEEs não eram reconhecidas nem toleradas pelo Governo Federal.

A PUC-Rio tornara-se um importante espaço no qual as discussões e manifestações políticas encontraram refúgio, em particular as relacionadas à reestruturação do movimento estudantil e o processo de reconstrução da UNE a partir de 1976. As reuniões dos DCEs dos estados para organizar as eleições estudantis realizaram-se na PUC-Rio, reunindo em agosto de 1979 mais de 500 participantes durante vários dias.

O ano de 1979 é um marco na história não só da UNE e da PUC-Rio, mas também na história do movimento estudantil brasileiro e da própria democracia que, naquele momento, parecia ter sido entorpecida e adormecida em um sono muito diferente daquele da jovem estudante, vencida pelo cansaço da luta.

CLÓVIS GORGÔNIO E NAMÍBIA RODRIGUES
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC
Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. **Coordenadora-Adjunta:** Profª. Julia Cruz. **Coordenadora-Administrativa:** Rita Luquini. **Editora e Jornalista Responsável:** Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). **Subeditora e Chefe de Reportagem:** Profª Adriana Ferreira. **Projeto Gráfico e diagramação:** Profª. Mariana Eiras. **Fotografia:** Prof. Weiler Finamore Filho. **Ilustração:** Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial:** Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero Jacob, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. **Anúncios produzidos pela Agência de Propaganda da PUC-Rio. COMUNICAR - Redação e Administração:** Rua Marquês de S. Vicente, 225, S/401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone:** 3527-1140. **E-mail:** redação: impresso.comunicar@puc-rio.br. Administração: pcomunic@puc-rio.br. **Impressão:** gráfica do Lance.

Saber: Mácio Carvalho é novo professor titular da Universidade

Reforço na área científica da PUC

Hidrodinâmica capilar no caso do petróleo foi tema da palestra proferida após a posse

ANTONIO ALBUQUERQUE

Os professores Márcio Carvalho e Luiz da Silva Mello durante a posse

CARLOS VERÍSSIMO

O professor Márcio da Silveira Carvalho, do Departamento de Engenharia Mecânica, tomou posse, no dia 11 de setembro, como professor titular da PUC-Rio. Carvalho foi recebido pelo Reitor, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., em uma sessão solene do Conselho Universitário. Após a reunião, o professor proferiu a aula magistral Hidrodinâmica Capilar: das telas planas à recuperação de petróleo.

Na apresentação, Carvalho falou sobre o uso da propriedade capilar no restabelecimento do recurso natural. Denominada capilaridade, ela permite que líquidos se movimentem em tubos finos. A ação também faz os fluídos irem contra a força da gravidade e até mesmo contra induções de campos magnéticos.

O professor ressaltou a importância que o estudo desse fenômeno pode trazer para a sociedade.

– É preciso cada vez mais buscar um entendimento maior desses fenômenos. Isso vai ajudar a aperfeiçoar os processos de recuperação de petróleo, assim como diminuir os custos e aumentar o volume produzido – explicou.

No fim da posse, o padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., agradeceu aos professores e alunos presentes. Ele ainda ressaltou as pesquisas desenvolvidas pelo professor Márcio da Silveira Carvalho.

– Eu acho que o professor Carvalho tem uma produção científica realmente invejável. Isso agrega valor tanto para a nossa ciência quanto para a Universidade.

Reflexão: Cientista convidado defende vantagens da cultura antiguerra

IRI promove aula inaugural sobre conflitos entre países

O encontro foi ministrado por professor do Darthmouth College

ARTHUR MACEDO

O Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI) realizou, no dia 18 de setembro, uma aula inaugural com o cientista político e professor Richard Ned Lebow, do Dartmouth College. O norte-americano, especialista em assuntos de guerra, trouxe como tema o porquê dos conflitos entre países. O diretor do IRI, professor Paulo Esteves, também esteve presente.

As motivações humanas, segundo Lebow, são elementos importantes para as relações internacionais e, consequentemente, são causas para guerras. Baseado no próprio livro *A Cultural Theory of International Relations*, publicado em 2008, o palestrante contou que a maioria dos conflitos entre países é provocada por motivos ligados às emoções humanas.

– Dentre todas as guerras dos últimos quatro séculos, apenas 7% foram causados por motivos materiais e 18% por motivos de segurança. 62% foram motivados por razões emocionais. Países dominantes, como França ou Estados Unidos, querem ter controle absoluto, por isso vão à guerra. Países em ascensão guerreiam pois, para eles, demonstrar poder militar é uma forma de se tornarem países dominantes – disse.

Lebow explicou que um país não precisa começar uma guerra para se tornar uma força dominante. Na verdade, é mais vantajoso o contrário.

– Já aprendemos que as riquezas de uma nação podem ser expandidas de outros jeitos. A paz é melhor para os negócios do que a guerra – afirmou.

Metodologia: Ideias na área de educação

Olhos atentos na avaliação escolar

Professora destaca que notas altas ou baixas não estão ligadas à aprendizagem

FLAVIA ESPÍNDOLA

Claudia Fernandes afirma que padronização é nociva à individualidade

ANA COSTA

A professora da UniRio Claudia Fernandes participou da Aula Inaugural do Departamento de Educação, no dia 9 de setembro, no Auditório Padre Anchieta, e debateu o tema Avaliação Educacional: múltiplos papéis, sentidos e desafios. Claudia reforçou a diferença entre avaliação e prova, e apresentou uma nova perspectiva sobre o tema.

– A prova é apenas um meio que auxilia no processo de avaliação. A nota não está ligada à aprendizagem – observou.

De acordo com a professora, a linearidade da organização espacial das salas de aula e o uso de uniforme, por exemplo, são maneiras de homogeneizar as pessoas em nome da igualdade. Para ela, a padronização dos alunos é nociva à individualidade e ao tempo de aprendizado.

A professora falou, ainda, que é preciso repensar a estrutura da avaliação e que as notas não são problema desde que o professor saiba o que o aluno aprendeu e deixou de aprender. A inserção de relatórios pode ser favorável para auxiliar na avaliação.

– A nota por si só não dá conta de avaliar. Os relatórios podem ser o equilíbrio entre a avaliação e a comunicação com os responsáveis. Seria um ótimo instrumento para compreender a trajetória do aluno – disse.

ANTONIO ALBUQUERQUE

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

A Sucot, festa judaica que relembra a precariedade da vida nas cabanas em que os hebreus viveram durante o êxodo, foi celebrada na PUC-Rio. O Reitor, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J, os rabinos Eliahu Haber e Dario Bialer, e o presidente da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, Jaime Salomão participaram do encontro. As professoras Maria Tereza Cardoso e Sonia Kramer, e a organizadora da reunião Diane Kuperman também estiveram presentes.

RODRIGO ZELMANOWICZ

Seminário: Comemoração de 200 anos do nascimento de Kierkegaard

Angústia, amor e fé no pensamento

Filósofo influenciou grandes autores do século XX, como Heidegger e Sartre

ERICKA KELLNER E MARIANA SALES

Crítico do pensamento sistemático de Hegel, entusiasta de Sócrates e estudioso sobre a relação entre o homem e o metafísico. Embora de extrema relevância para a Filosofia, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813/1855) ainda é pouco conhecido no Brasil. Autor da obra *Temor e Tremor*, Kierkegaard influenciou grandes pensadores do século XX, como Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. Em comemoração aos 200 anos de nascimento do filósofo, o Departamento de Letras promoveu um seminário sobre o pensador e suas ideias nos dias 11 e 12 de setembro.

De linha existencialista e, ao mesmo tempo, racionalista, Kierkegaard defendia que paixões e emoções também caracterizam o ser humano como tal. Filósofo e teólogo, ele contribuiu ainda para a literatura, a psicologia e o cinema. Por apresentar vários autores dentro de si, ele adotava pseudônimos nas obras a fim de expor pensamentos distintos. As principais categorias kierkegaardianas são a angústia, a fé e o amor.

Segundo o professor Danilo Marcondes, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, o maior legado do pensador foi o questionamento do racionalismo filosófico.

– Kierkegaard apontou para os limites do racionalismo, atentando para a experiência da fé e do amor. Ele é um precursor do trabalho sobre a natureza humana que depois encontramos em Nietzsche e Freud. Nesse sentido, é um dos primeiros filósofos na tradição moderna a escrever sobre isso, o que lhe atribui grande originalidade e importância.

De acordo com o professor de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb) Jorge Miranda de Almeida, os estudiosos tentam corrigir que Kierkegaard não é o pai do existencialismo.

– O teórico dinamarquês é um dos principais expoentes da filosofia da existência, que é diferente do que se denomina de existencialismo – ressaltou.

Homenagem: Reconhecimento da importância do maior mitólogo brasileiro

Exposição na PUC relembra memória de Junito Brandão

Artigos de imprensa e manuscritos do autor estão disponíveis para o público

WEILER FILHO

Margarida Neves e Márcia Brandão, filha de Junito, relembram o professor

FELIPE MARQUES

O dilema entre finitude e imortalidade, tão presente nos mitos clássicos, também fez parte da vida de Junito Brandão, que viveu como um herói e, na ocasião de sua morte, foi divinizado no Olimpo reservado aos maiores mitólogos brasileiros. Em uma homenagem póstuma – Junito morreu em 1995 –, a Divisão de Bibliotecas e Documentação (DBD), em parceria com o Núcleo de Memória da PUC-Rio, inaugurou uma exposição, no dia 13 de setembro, com manuscritos do próprio Junito e artigos na imprensa pertinentes a ele.

Além de autor de importantes obras, como *Teatro grego: tragédia e comédia*, *Mitologia Grega*, em três volumes, e *Os Idílios de Teócrito e as Bucólicas de Vergílio*, Junito exerceu o magistério por mais de 45 anos em instituições como a Universidade Santa Úrsula, Gama Filho, Uerj e PUC-Rio. Foi também membro da Academia Brasileira de Filologia e importante tradutor de latim e grego.

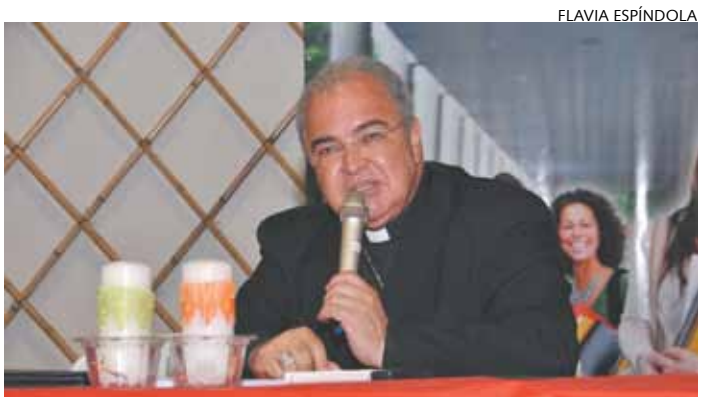
Mais do que amigo, intelectual e professor, Junito foi pai. Quando consultado pelos filhos sobre o significado de alguma palavra, o especialista em letras clássicas usava a tradução de sufixos e prefixos para ensiná-los. Márcia Serôa da Motta Brandão, filha de Junito, que esteve presente na abertura da exposição, usou um neologismo para tentar definir quem era seu pai.

– Como pai ele era um "pãe". Ele criou a mim e ao meu irmão sozinho. Ele era o nosso pai e a nossa mãe. Acho que isso dá a dimensão de quem era meu pai, além do mundo acadêmico – relembrou.

PELO CAMPUS

Juventude continua em cena

FLAVIA ESPÍNDOLA



Dom Orani Tempesta participa da V Semana de Cultura Religiosa

Homenagens, palestras e projetos foram apresentados durante a V Semana de Cultura Religiosa, realizada no ginásio da Universidade, entre os dias 17 e 19 de setembro. O encontro, promovido pelo Departamento de Teologia, teve como assunto principal A Juventude: dons e talentos - Inteligência, fé e esperança a serviço da transformação do mundo. O Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, O.Cist., participou da primeira conferência, no dia 18, cujo tema foi Pós Jornada Mundial da Juventude. DAVI BARROS E LETÍCIA GASPARINI

Entre Judiciário e jornalismo

GABRIELA DORIA

Leonel Aguiar (esquerda) e Leise Taveira (centro) no seminário

O seminário Questões sobre a narrativa da mídia na contemporaneidade: do caso Isabella Nardoni à mídia Ninja foi palco de análises sobre as modificações das linguagens narrativas nos veículos noticiosos. Durante o encontro, os palestrantes debateram a realização de censura do Poder Judiciário à prática jornalística.

O professor e pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ) Fernando Vieira afirmou que é necessária uma mudança no papel da mídia:

– Tem que informar, não formar. HUGO PERNET

Livro analisa caso Nardoni

A professora Leise Taveira lançou o livro *Narrativas Jornalísticas e Construção da Realidade: o caso Isabella no "tribunal" da mídia*, no dia 9 de setembro. No trabalho, ela analisa os direitos constitucionais negados aos réus em detrimento da narrativa tendenciosa criada pela mídia.

A professora observou que Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni não tiveram direito à ampla defesa, ao contraditório e ao princípio de inocência. No segundo dia após a morte da menina, uma delegada chamou o casal de assassino. A movimentação da perícia e a comoção popular endossaram o estigma de culpados e, segundo a professora, eles já estavam condenados pela mídia e pela população antes mesmo do julgamento. O livro da professora é resultado da dissertação de mestrado e está disponível na biblioteca da Universidade. ANA COSTA

Veja matéria completa no site do Jornal da PUC:
www.puc-rio.br/jornaldapuc

Inovação: Exoesqueleto criado pelo cientista e médico Miguel Nicolelis foi debatido na Jornada de Excelência Médica

Encontro destaca os avanços tecnológicos

Reunião marca 60 anos da Escola Médica de Pós-Gradução

FELIPE MARQUES

Em comemoração aos 60 anos da Escola de Pós-Graduação em Medicina da PUC-Rio, a Universidade e a Assistência Médica Internacional (Amil) promoveram a Jornada de Excelência Médica 2013, no dia 30 de agosto, no Hotel Windsor Barra, na Barra da Tijuca. O evento reuniu profissionais renomados que debateram questões e avanços em temas importantes da medicina atual, desde patologias biológicas, como infecções, a doenças mentais, como a depressão.

O professor e médico Ivo Pitanguy foi homenageado no encerramento da Jornada por conta de suas contribuições à medicina. Considerado o mais renomado cirurgião plástico do Brasil e um dos melhores do mundo, Pintanguy também faz parte da equipe de professores da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio. Ele considera que é preciso firmeza de espírito para procurar a renovação constante.

– Nada é suficiente, você tem que continuar a pensar que está começando – contou Pitanguy.

O destaque do evento foi a palestra do médico e cientista Miguel Nicolelis, professor titular de Neurobiologia e Engenharia Biomédica e codiretor do Centro de Neuroengenharia da Duke University. Ele lidera um grupo de pesquisa no campo da fisiologia de órgãos e sistemas. O objetivo do trabalho de Nicolelis é integrar, com o uso de próteses neurais, o cérebro humano com máquinas, de modo a propiciar reabilitação motora a pacientes que sofrem de paralisia.

GABRIELA DORIA

Miguel Nicolelis apresenta no encontro pesquisa sobre exoesqueleto

– O dia de transformar a cadeira de rodas em peça de museu está quase chegando – disse.

A curto prazo, Nicolelis pretende que, na abertura da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, o chute de bola inaugural seja dado por um deficiente físico auxiliado por um esqueleto mecânico de suporte, criado pelo médico, e que ele chama de exoesqueleto. O obstáculo atual da pesquisa é a aplicação prática do estudo que está sendo desenvolvido.

– Toda pesquisa básica, depois que amadurece, deve ser traduzida para aplicações clínicas e esse é o grande obstáculo da maioria das áreas científicas, como a neurociência. Estamos na tradução de todo esse conhecimento em terapias concretas. O desafio é conseguir criar alternativas de benefício clínico muito óbvio a um custo muito baixo. Essa tecnologia é muito cara neste momento – explicou Nicolelis.

Para o cientista, a melhoria no bem-estar do indivíduo a ser proporcionada pelo equipamento, somado ao tratamento de moléstias neurológicas, vai trazer uma vida diferente aos deficientes motores.

– É algo que pode oferecer um ganho de qualidade de vida muito grande – observou.

Educação: O prazer de receber os estudantes do Ensino Médio

PIUES chega aos 21 anos com histórias de sucesso

Fundador do Programa Luiz Carlos Scavarda foi homenageado

JULLIA MENDONÇA

O Programa de Integração Universidade Escola Sociedade (Piues) chega aos 21 anos com motivos para comemorar. Só no primeiro semestre deste ano, o Programa obteve 7 mil inscritos, por meio do site, para participar do PUC por Um Dia, e 665 no PUC por Um Semestre. Além de proporcionar um primeiro contato do estudante do Ensino Médio com o meio universitário, o Programa também ajuda os alunos nas escolhas profissionais, oferece cursos de atualização de professores e auxilia os pais dos estudantes.

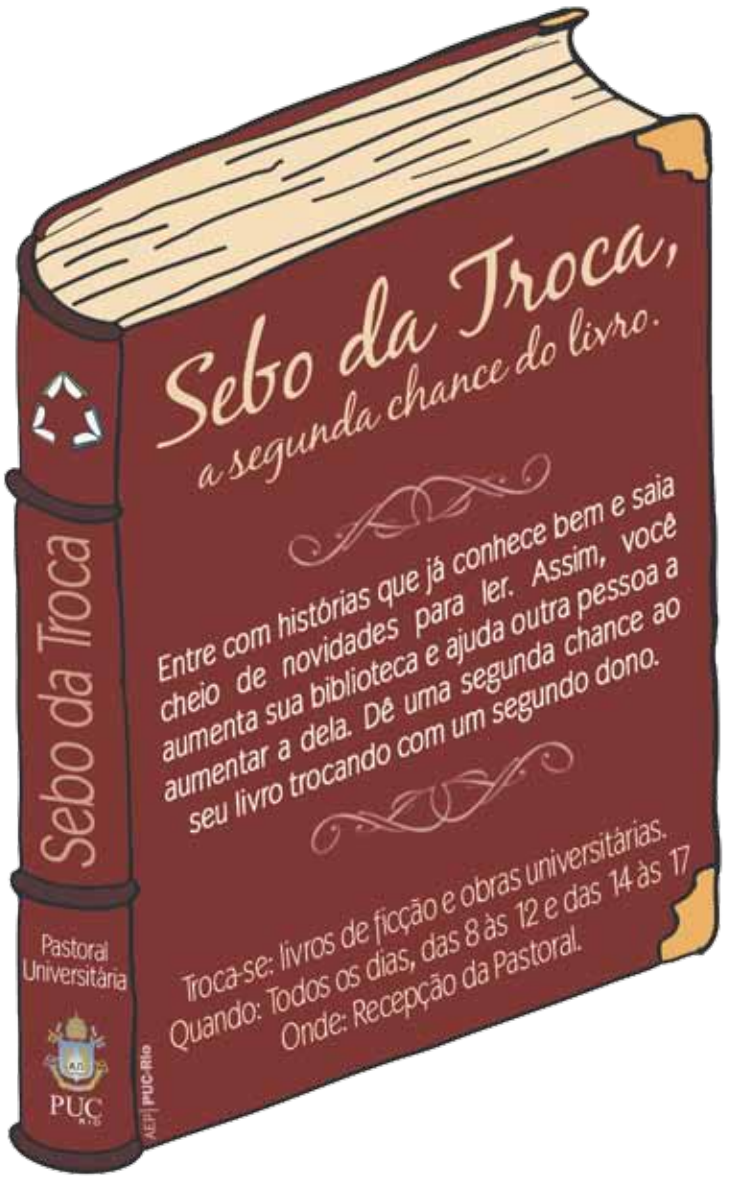
Idealizador do Piues, o Vice-Reitor da PUC-Rio, professor Luiz Carlos Scavarda, conta que, no início, havia um questionamento se realmente valeria a pena todo aquele esforço para interagir com o setor produtivo.

– A outra interface era: será que vale a pena interagir com o Ensino Médio? Muita gente achava que não valia a pena, e tinha gente que acreditava que sim. O Pues era um pedaço da pergunta, e ao mesmo tempo a pergunta era um pedaço da outra interface. Ou seja, a Universidade vai ser uma caixa fechada ou vai ser uma caixa aberta? É claro que é uma caixa aberta – pensa o professor.

Para Scavarda, os 21 anos dedicados ao Ensino Médio, sem dúvida, foram de conquista. O Programa funciona com a essência do trabalho coletivo, com todo material disponível. Scavarda destaca ainda que pessoas envolvidas nessa iniciativa são também muito importantes.

– Nós, quando começamos, não tínhamos a menor ideia até onde poderíamos chegar. Quando se começa a criar essas coisas, não se sabe o que vai acontecer, se vai dar certo, ou se vai ser uma coisinha local ou não. Hoje eu sinto muita alegria com isso tudo. Esse é o tipo da coisa que foi crescendo e foi chegando a algum lugar – Scavarda.

Quando foi criado, o programa era direcionado somente para o Departamento de Física e, depois ao de Química, pois a ideia surgiu com base na utilização dos laboratórios. No início da década de 90, quando a ideia do Pues ainda estava sendo elaborada, os laboratórios eram menos utilizados do que hoje. Havia uma capacidade ociosa. A ideia era oferecer aos alunos de Ensino Médio o acesso aos laboratórios com a ajuda dos professores de cada área.



Direito: Estado do Rio reconheceu apenas duas comunidades como propriedade quilombola

À espera de um reconhecimento

Descendentes de escravos aguardam titulação de terrenos

HUGO PERNET

Dois milhões de pessoas, 127 mil famílias, 2.278 comunidades distribuídas em 5% do território nacional. Nesse cenário, descendentes de escravos aguardam o Estado reconhecer a posse de terras quilombolas. A legislação brasileira tem dispositivos constitucionais que garantem o título de propriedade desses territórios, alvo da especulação imobiliária e de fazendeiros e grileiros. No Rio de Janeiro, apenas duas comunidades – Campinho da Independência, em Paraty, e Preto Forro, em Cabo Frio – foram registradas, em cartório, como quilombo. As questões que envolvem a regularização fundiária de quilombos foram tema de dois debates promovidos, nos dias 11 e 12 de setembro, pelos departamentos de Serviço Social e de Direito.

A professora Mariana Trotta, do Departamento de Direito, ressaltou que as comunidades quilombolas não são áreas de negros fugidos, mas um espaço de um grupo social que tem identidade com o território e com a cultura negra. Mariana afirmou que é uma obrigação, em especial da autarquia federal do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) titular essas terras. A Constituição Federal estabelece no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias o direito das terras quilombolas de receber o título de propriedade.

GABRIELA DORIA

A feira organizada pelo Panorama Afro, no Edifício da Amizade, reuniu objetos e comidas típicos da África

– Existe uma série de conflitos envolvendo os quilombolas hoje no Brasil. Há uma legislação que garante a titulação, mas o Estado efetivamente anda a passos morosos. Isso traz problemas aos grupos, porque eles não têm segurança da posse nem reconhecimento definitivo da propriedade sobre o território. Além de não terem um investimento do governo para reduzir as desigualdades socioeconômicas.

Daniel Sarmento, procurador da República e professor de Direito Constitucional da Uerj, destacou que a sociedade tem dificuldade de aceitar artigos da Constituição que defendam os descendentes de escravos. Para ele, a falta de conhecimento também atrapalha a nomeação de propriedades quilombolas.

– Não consigo entender por que o tema dos quilombos e dos povos indígenas não esteve nas manifestações. A questão de povos tradicionais e terras é muito importante. O governo federal não compra a briga. Por isso, nossa mobilização é importante. Temos que explorar a capacidade humana de nos solidarizarmos, de comprarmos a briga do outro – concluiu.

De acordo com Sarmento, é importante reconhecer o direito das comunidades quilombolas. O professor ressaltou que as gerações atuais e futuras do país perdem com essa confusão judicial.

– Se as coisas continuarem assim, vamos perder acessos a elementos riquíssimos da cultura brasileira. Não é só perder a terra, mas é perder o direito de saber quem você é.

Integrante da ONG Converdgência, Alexandre Nascimento explicou que o processo de titulação de terras, antes de chegar às competências do Incra, passa por dois eixos de reconhecimento: o antropológico da terra e o do espaço como comunidade quilombola, conjunto à Fundação Palmares.

– O que poderia agilizar o processo de titulação é o Incra ter uma posição mais séria em relação às comunidades quilombolas. O órgão trava o processo, porque ele trabalha com a regularização fundiária no Brasil de forma nacional e para todos os povos. Então, os quilombolas que, de fato, estão nos lugares de poder imobiliários muito ricos, devido aos bens materiais e naturais, sofrem pressões do Estado para que não tenham suas terras tituladas.

Com o objetivo de promover a manutenção das tradições negras e o fortalecimento da identidade étnica, o Panorama Afro organizou uma feira, com objetos e comidas típicas.

O testemunho de fatos históricos

Quilombola José Geminiano presenciou demolição de casas

Deparado com um jipe, continuou a pedalar. Os sacos de leite, amarrados à bicicleta não o dificultavam trilhar as ruas de barro. Em 40 minutos, chegaria à Universidade de São Mateus, no interior do Espírito Santo, e voltaria no mesmo tempo para descobrir o que aqueles homens vindos da cidade dentro do automóvel especulavam em um terreno que já fora habitado por escravos foragidos. Seu José Geminiano – conhecido como Zé do Leite –, então com 28 anos, ficou atônito com a notícia: interessados em plantar cana-de-açúcar, os homens desejavam a posse das terras da comunidade São Jorge.

O episódio ocorreu em 1980, mas o terreno ainda é fértil para estrangeiros instalarem os tratores em "terra de ninguém" – Seu Zé já presenciou a demolição de casas, sem consentimento do proprietário –, principalmente com a crescente especulação imobiliária. Em conflito com interesses de fazendeiros e grileiros, 32 famílias, remanescentes de escravos, aguardam o Incra titular as terras de São Jorge como comunidade quilombola.

GABRIELA DORIA

José Geminiano sobrevive da pecuária em propriedade quilombola

Casado e pai de três filhos, Zé do Leite, de 61 anos, sustenta a família com dinheiro da pecuária. As 20 cabeças de gado fornecem leite necessário para arrecadar R$ 400 por mês. Sem habilitação de motorista, o descendente de escravo pedala uma bicicleta para entregar o alimento em uma universidade e em casas de São Mateus.

Com acesso à internet e à linha telefônica, Zé do Leite vive na penúria. Em São Jorge, o saneamento básico é precário.

> "Se continuar assim, vamos perder acesso a elementos ricos da nossa cultura"
>
> Daniel Sarmento

Bem-estar: Comissão Interna de Prevenção de Acidentes realizou a XXI Sipat na Universidade

De olho na saúde dos funcionários

Campanha estimula os cuidados com o corpo e a mente

MARIANA SALES

GABRIELA DORIA

A terapeuta Cirle Peixoto aplica shiatsu em uma das visitantes que compareceu aos estandes nos Pilotis

Transporte coletivo lotado, pressão no trabalho e trânsito são fatores de estresse típicos do dia a dia que refletem na produção do trabalhador. E tornam o compromisso com uma alimentação saudável e regrada um grande desafio. Com o objetivo de estimular o corpo funcional a manter uma vida saudável, a Universidade iniciou a campanha Sinal de Saúde este ano.

Segundo o coordenador de Serviço de Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT), o médico Álvaro Martins Rodrigues, é fundamental que as empresas invistam na saúde dos funcionários.

– Um trabalhador com saúde vai produzir muito mais. Logo, a empresa tem uma lucratividade maior e não vai ter tantos afastamentos por doenças. Não resulta em prejuízo para a própria empresa – explica.

Álvaro Martins ressalta ainda que é preciso fazer um exame admissional de qualidade para identificar as patologias que o funcionário apresenta. Desse modo, se um trabalhador tiver alguma deficiência, a empresa deve encontrar um cargo que facilite a produtividade e faça com que ele não se sinta excluído. De acordo com o coordenador do Instituto de Odontologia da PUC-Rio (Iopuc), o dentista Ricardo Fisher, as empresas devem manter ambientes agradáveis e assistência de emergência.

Outro benefício que as empresas podem oferecer são atividades que buscam o bem-estar dos funcionários. A PUC, como instituição, oferece aulas de surfe, ginástica laboral, caminhadas ecológicas, entre outras. Para o coordenador da SESMIT, essas atividades são fundamentais para conscientizar as pessoas.

– Fazer palestras é fundamental para orientar as pessoas. Se um grupo pequeno assiste a uma palestra, a gente espera que esse grupo sirva de multiplicador – diz o médico.

A alimentação também tem que ser levada em conta na hora de cuidar da saúde. A nutricionista do Departamento Médico da PUC-Rio, Daniela Gomes, comenta que uma refeição organizada nos horários certos é fundamental para a pessoa manter corpo e mente saudáveis. Ela ressalta que, quando não se come de forma adequada, o desempenho profissional é prejudicado.

– Dependendo da alimentação, a pessoa acaba perdendo um pouco da atenção no trabalho, tem sono. Por isso, é fundamental uma alimentação equilibrada. Além disso, com uma alimentação ruim, a pessoa pode adquirir doenças ao longo da vida, e isso pode levar a faltas no trabalho, justamente para cuidar um pouco da saúde – completa a nutricionista.

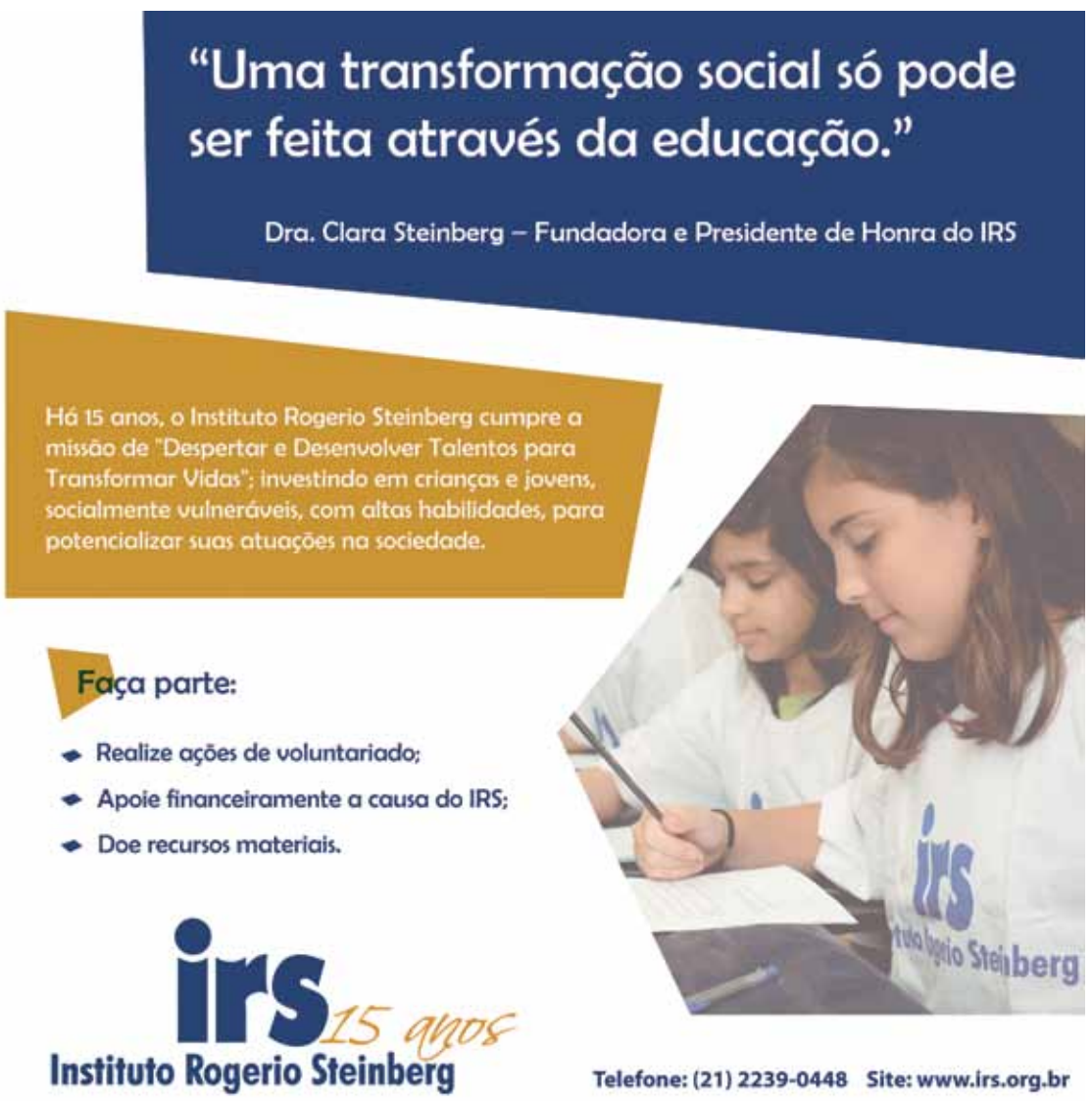
Prevenir é uma dos caminhos para se evitar doenças. Atividades físicas ou cuidados com o corpo ajudam o organismo a funcionar melhor. O shiatsu, que é um tipo de massagem, por exemplo, colabora com o mental, o corporal e o espiritual. Segundo a terapeuta Cirle Peixoto, a massagem traz vários benefícios.

– As vantagens são colocar em equilíbrio o corpo com a mente, e o emocional com a mente. A massagem vai acalmar e vai funcionar como paz interior à mente agitada. Essa é a função da massagem: colocar você em equilíbrio – afirma a massagista.

De acordo com a portaria nº 3214, NR-5 item 5.16, as empresas devem promover anualmente a Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho (Sipat), com a SESMT. A Comissão Interna de Prevenção de Acidentes da PUC-Rio (Cipa) organizou, de 16 a 20 de setembro, a XXI Sipat PUC-Rio, em que a saúde física e psicológica do trabalhador foi à questão abordada. Segundo a diretora da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa), Sandra Parintins, a Universidade pretende ajudar na preservação de doenças dos funcionários.

– Com a Sipat, nós tivemos a intenção de levar aos funcionários tanto da PUC quanto aos terceirizados essa preservação da saúde, tentando diminuir os acidentes no trabalho – comenta.

A Sipat realizou palestras e sessão de cinema nos estandes montados nos pilotis. Além disso, houve demonstração e degustação de alimentos saudáveis, shiatsu e vacinação.



Brasil: Manifestações de junho foram o tema do ciclo de palestras organizado pelo Departamento de Filosofia e Cafil

As dúvidas sobre os protestos do povo

Violência assustou os brasileiros que foram às ruas no país

DAVI BARROS, GABRIELA MATTOS E LETÍCIA GASPARINI

FLAVIA ESPÍNDOLA

Curador do Museu de Arte Moderna (MAM), o professor Luis Camilo Osório, participou de uma das mesas

Desde junho, protestos populares têm chamado atenção no país – o maior levou mais de 100 mil pessoas às ruas do Rio de Janeiro. Entre as reinvindicações, os manifestantes pedem a reforma política brasileira. No entanto, a ausência de um líder e as frequentes cenas de violência entre os policiais e os participantes dos movimentos causam dúvidas em torno do assunto. Com base nessas questões, o Departamento de Filosofia e o Centro Acadêmico de Filosofia (Cafil) organizaram o ciclo de palestras Outras Palavras: a Revolta do Vinagre e a Filosofia, no dia 9 de setembro.

Os manifestantes pedem mudanças, como, por exemplo, no processo e na estrutura política do país. Segundo o participante do Movimento de Resistência Popular (MRP) Kennedy Donato, a principal reinvindicação é por um governo em que haja mais participação do povo.

– Queremos chegar a um novo paradigma político em que o Poder Público prevaleça. Isso não é utópico. Precisamos prosseguir com essa luta. Não podemos continuar com a estrutura que destrói em nome do lucro e do capital. Os interesses privados não podem estar acima da vida – explicou Donato, que esteve presente na mesa de debates O que significa vencer.

Os protestos são marcados pela ausência de um líder e pelas diversas reinvindicações, o que gera opiniões divergentes sobre o assunto. Há pessoas que são contra, pois acreditam que isso tira a credibilidade das manifestações, mas há aquelas que acham democrático. Para o curador do Museu de Arte Moderna (MAM) e professor do Departamento de Filosofia, Luis Camilo Osório, esse tipo de formação condiz com a luta do movimento, que é a descentralização política.

– Essa formação é exemplar. Recentemente, em um programa de televisão, vi uma menina que disse que não era ninguém. E eu a entendi. Ao mesmo tempo, ela também era tudo – comentou o professor, que participou da mesa Problemas sobre os limites da liberdade de expressão.

Além disso, os protestos foram marcados por cenas de violência entre os manifestantes e os policiais. Durante as passeatas, lojas foram saqueadas e houve o uso de spray de pimenta. O fotógrafo Pedro Curi, que tirou fotos dos movimentos nos dias 17 e 20 de junho, afirmou que esse comportamento violento prejudica e tira a legitimidade das manifestações.

– É perceptível a diminuição absurda do número de pessoas. Antes eram milhões que iam às ruas, inflamadas. Os pais de família, médicos, advogados, balconistas, que não são de partidos políticos, só exigiam os direitos básicos – completou.

Segundo o professor Edgar Lyra, do Departamento de Filosofia, é preciso que se analise a complexidade desses protestos. O professor afirmou, também, que as universidades e os intelectuais são importantes nas discussões sobre o tema.

– Uma das apostas, por exemplo, é nesse fórum que promovemos. Tem que haver muita conversa e paciência. O assunto é complexo. Temos que evitar que esses movimentos se esvaziem, que deem lugar a uma negociata política. Acho que você tem a ação, mas ação sem discurso é cega – pensa.

Competição: Após 28 horas enclausurada, equipe desenvolve aplicativo que monitora iluminação pública do estado

Tecnologia em favor da manutenção da cidade

Concurso de maratona hacker premia três alunos de Engenharia da Computação na categoria criatividade

HUGO PERNET

FLAVIA ESPÍNDOLA

Os alunos Gabriel Bastos, Raphael Alvarenga e João Pedro Pinheiro

Três alunos de Engenharia da Computação da PUC-Rio venceram a maratona hacker de programadores Hackathon 1746, na categoria Inovação Tecnológica e Criatividade, organizada pela Prefeitura do Rio, em 31 de agosto e 1º de setembro. Com o objetivo de solucionar problemas urbanos, os alunos Raphael Alvarenga, Gabriel Bastos e João Pedro Pinheiro desenvolveram um programa de monitoramento instantâneo de iluminação pública.

A equipe EXCSI ficou enclausurada durante 28 horas com 78 jovens, em 25 grupos, no Palácio da Cidade, em Botafogo. Como prêmio, o grupo vencedor recebeu R$ 5 mil e ingressos para o Rock in Rio. Para a concretização do projeto, a Rio Luz estipulou 30 dias após o Hackathon para se reunir com os estudantes.

No primeiro instante da competição, os três participantes desenvolveram um sensor de LDR, que permitiu a captação de luminosidade, monitorada por um chip. A partir de um microcontrolador, os estudantes estipularam o grau de luz adequado para distinguir um poste ativo de um inativo. Depois, os três participantes usaram o dashboard, painel de indicadores que aponta o número de reparos necessários em cada bairro. Alvarenga afirma que o aplicativo pode facilitar a comunicação entre as equipes da Rio Luz.

– A Rio Luz diz que tem gastos desnecessários com manutenção. Às vezes, dois postes em ruas próximas precisam de reparo. Sem saber, são enviadas duas equipes para realizar os serviços, o que causa reflexos negativos no trânsito.

Bienal do Livro: Editora PUC-Rio fez sucesso entre os frequentadores da trigésima edição do evento literário carioca

Saber convertido em números

Obras publicadas pela Universidade foram vendidas no estande da Abeu

FOTOS GABRIELA DORIA

NICOLE LACERDA

O livro *Favelas do Rio de Janeiro*, de Rafael Gonçalves, foi o grande sucesso da Editora PUC na 16ª Bienal do Livro, realizada entre os dias 29 de agosto e 8 de setembro, no Riocentro. No quinto dia de exposições, a obra já estava esgotada. Entre os títulos mais procurados estavam: *História da África Contemporânea*, de Maurício Parada, Murilo Meihy e Pablo Mattos, e *A propaganda brasileira depois de Washington Olivetto*, de João Renha.

O espaço da Universidade, montado no estande da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), no Pavilhão Laranja, foi muito visitado. O coordenador e editor da Editora, professor Fernando Sá, demonstrou entusiasmo com o espaço. Segundo ele, o crescimento do estande é fruto do aumento do catálogo de livros. O editor destaca a Bienal como um importante momento para a Universidade ter mais contato com os cariocas.

– A editora tem o objetivo acadêmico de devolver à sociedade a pesquisa, o conhecimento que se cria na PUC, transformando em livro.

Pela primeira vez como estagiária da Editora PUC na Bienal, a aluna de Jornalismo, do quarto período, Katharina Farina, gostou de conhecer um pouco mais o mercado editorial. Desde pequena, ela visita a feira, mas estava empolgada com a nova experiência.

– Ver os bastidores da Bienal, como as coisas são montadas, é incrível. Na editora, tenho a chance de observar como é feito o livro do começo ao fim.

A Bienal, porém, não agradou apenas aos universitários. Seja na forma de excursões escolares ou acompanhados por familiares, crianças e adolescentes podiam ser vistos pelos três pavilhões, em estandes específicos para seus gostos. Entre eles, estavam o da editora Panini, que se manteve lotado durante todo o evento, e o da Light, que oferecia jogos educativos para os mais novos.

1

2

3

Foto 1: Leitores visitam o espaço ocupado pela Editora PUC, no Pavilhão Laranja

Foto 2: Monitoras orientam crianças e adolescentes em jogo no estande da Light

Foto 3: Alunos de excursão escolar esperam sentados fora do estande da Panini

Histórias em quadrinhos: Seguimento de diferentes artistas e personagens cativa fãs fiéis e ecléticos de várias gerações

A nona arte à procura de maior reconhecimento

Mercado continua em expansão, mas ainda não atende às expectativas de leitores e profissionais da área

LUÍSA LACOMBE

Com um grupo de fãs tão fiel quanto os de Nicholas Sparks, as Histórias em Quadrinhos marcaram presença em mais uma edição da Bienal no Rio. Entre as opções das editoras estavam os super-heróis da Marvel e da DC Comics, os europeus Tim Tim e Corto Maltese, além do trabalhos autorais brasileiros.

Presente na Bienal Carioca desde 1996, a loja Comix precisou controlar a entrada em seu estande. Segundo o gerente comercial Ricardo Jorge Rodriguez, o movimento foi constante todos os dias.

– Nossa sede é em São Paulo, mas costumamos vir ao Rio três vezes ao ano, em eventos de Anime e Mangá – disse.

Pela primeira vez, o quadrinista Gustavo Duarte participou da Bienal e lançou seu mais recente trabalho, *Pavor Espaciar*, terceiro livro da linha de Graphic Novels da Turma da Mônica. Acostumado a frequentar eventos de Quadrinhos dentro e fora do Brasil, ele lamenta a falta de feiras do gênero no país.

– O normal é ir aos lançamentos de literatura. Se você é louco por quadrinhos, e for esperar um evento no Brasil, vai sofrer um pouco – comentou

Para Rodriguez, mesmo o mercado tendo crescido bastante nos últimos anos, não existe um grande investimento.

– Para os próximos anos, poderia ser criado um setor específico para os quadrinhos, além de convidarem artistas internacionais, como o Jim Lee – sugeriu.

Demonstrador da editora e distribuidora paulista Devir, Lucas Fagundes, tem uma visão mais otimista da situação.

– O mercado tem crescido mais a cada ano, além de estar mais democrático. Já não se pensa que quadrinhos são coisa de criança – disse

Entre os homenageados deste ano, estavam Ziraldo e Maurício de Sousa. O pai do Menino Maluquinho, presente desde a primeira edição, ganhou um espaço com atividades lúdicas chamado Planeta Ziraldo. A Turma da Mônica, por sua vez, podia ser encontrada nos estandes da editora Panini.

Para Duarte, a homenagem não é motivo para comemoração.

– É totalmente pontual. Artistas bons, nós temos aos montes, mas nenhum conseguiu se bancar como eles. E isso é péssimo – comentou.

Para o quadrinista, a questão é mais complexa, mas não se deve parar de investir na área.

– Não se pode obrigar as pessoas a lerem quadrinhos em um país que ninguém lê. Eu vivo de desenho há 16, 17 anos, quando eu conto para as pessoas o que eu faço, não consideram profissão. Mas não podemos abandonar, temos que continuar fazendo com que as coisas funcionem – afirmou.

Ideias: Falta de moradia na visão de um psicólogo e um fotógrafo

Retratos de vidas no fim da linha

Ex-aluno mostra em site ocupação irregular de fábricas desativadas

NICOLE LACERDA

FOTOS PIERRE VICARINI

O aposentado João Luiz vive há mais de 10 anos em prédio abandonado

Portelinha, Carandiru, Antiga Company, Adonis, Inabú, Direne. Esse conjunto, ao redor do Morro do Jacaré, é um antigo distrito industrial que se tornou uma espécie de condomínio da precariedade. No local, cerca de 1.500 famílias residem sem condições de habitação. As histórias de vida de algumas pessoas que vivem ali formam o site *Retratos do fim da linha.* Indivíduos que sobrevivem no fim das linhas de produção.

Psicólogo e aluno do curso de Gestão Governamental e Análise de Política Social da PUC-Rio, Douglas Khayat, criou em parceria com o fotógrafo francês Pierre Vicarini, em maio deste ano, o projeto. O objetivo é gerar visibilidade para esta população, que Khayat qualifica de negligenciada. Para ele, é uma questão que se repete no mundo todo.

– Acho muito interessante e necessário fazer este registro neste momento. Fomos às ocupações para abordar as pessoas para que contassem sobre as histórias de vida. Como vivem, como chegaram ali, como avaliam as condições de moradia, e o que elas pensam para o futuro – conta.

Nas décadas de 1980 e 1990, após diversas crises econômicas e violência urbana, o Brasil sofreu um processo de desindustrialização, e empresas deixaram as estruturas abandonadas. A partir daí, populações que tinham dificuldade de encontrar um lugar para morar invadiram esses locais e os adaptaram como um lugar para viver.

Um dos invasores originais, há mais de dez anos, foi João Luiz. Aposentado por um problema na coluna, ele mora sozinho. João carrega atrás da expressão cansada o sonho de ir embora e montar a própria mercearia. Em depoimento para o site, ele demonstrou a frustração: "Pra mim isso aqui é uma prisão. Quero abrir a janela e ver o mundo, não uma parede. Quero ter uma residência fixa, pois isso aqui é uma invasão. Ter uma vida digna, ter o correio chegando à minha porta. Quero um lar. Quero um lugar para ficar estabilizado e descansar minha cabeça. Quero uma vida digna. Chega de humilhação".

Antiga fábrica da década de 1960 agora abriga cerca de 50 famílias

Ex-aluno do curso de Psicologia Clínica da PUC-Rio, Khayat, considera a história de Andrea uma das mais interessantes: expulsa do Jacarezinho, ela chegou à comunidade Direne aos 18 anos com os filhos. No cantinho que ela arranjou para morar a situação era precária, pois todo o piso da área industrial estava coberto por uma grossa camada de óleo. A moça enfrenta as dificuldades sem apoio da família, pois não tem marido e a mãe virou mendiga.

Hoje, aos 33 anos, com oito filhos, ela reside no primeiro andar de uma edificação, sobrevivendo com o Bolsa Família. O bom humor de Andrea, e a maneira como ela tenta levar a vida de uma forma positiva, à espera do condomínio prometido pelo governo, impressionou o autor, que registrou a fala dela no site. "A gente tem que ser alegre, se não, não consigo. Vou ficar chorando num canto? Não vou".

– É curioso como essa mulher consegue suportar isso tudo com uma energia de vida muito positiva. Esse é um dos saldos das nossas visitas, como as pessoas encontram ferramentas para lidar com a tragédia urbana, é muito compensador - disse Khayat.

NA ESTANTE

Editora PUC

Religião e Território no Brasil

A obra é apresentada na forma de e-book e foi escrita por Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees – ambos da PUC-Rio – e Philippe Waniez, da Université de Bordeaux. Com base nos dados do Censo Demográfico do IBGE de 1991 a 2010, os autores desenvolveram o estudo geográfico da filiação religiosa no Brasil. A pesquisa conta ainda com 60 mapas para ilustrar as mudanças no cenário religioso brasileiro ocorridas nos últimos anos.

Corpo e Consumo: Roteiro de Estudos e Pesquisas

Everardo Rocha, do Departamento de Comunicação Social, e José Carlos Rodrigues, professor-associado da PUC-Rio e professor titular de antropologia da UFF, são os responsáveis pelo desenvolvimento do e-book. Na obra, os autores apresentam uma discussão sobre as relações entre o corpo e a cultura. O livro também apresenta um rico roteiro bibliográfico para estudo do assunto. Está disponível para o download gratuito.

www.editora.vrc.puc-rio.br

Livros: A GoBooks oferece, por quatro meses, títulos de administração, engenharia e economia a 30% do valor de capa

Leitura disponível por aluguel

Aluno de Engenharia de Produção cria locadora para livros acadêmicos

HUGO PERNET

GABRIELA DORIA

O aluno Vitor Oliveira, criador da GoBooks, afirma que o preço das obras nas livraria é muito elevado

Com o objetivo de facilitar o acesso a livros acadêmicos, o aluno de Engenharia de Produção da PUC-Rio Vitor Oliveira criou a locadora GoBooks. Disponíveis para aluguel no site www.gobooks.com.br, as obras são adquiridas por 30% do preço estimado pelas livrarias. O estudante pode ficar com o livro durante quatro meses. A ação empreendedora totaliza mil títulos de Administração, Engenharia e Economia, disponíveis em 11 universidades do Rio de Janeiro.

– Comecei a conversar com os estudantes e entendi que existia um problema para obter os livros das disciplinas. O estudante já paga mensalidade alta e, com isso, não tem dinheiro para pagar R$ 200 em um livro para usar por apenas quatro meses – afirma Oliveira, que gerencia o projeto com dois sócios.

Entre janeiro e julho deste ano, a GoBooks alugou 300 livros na Universidade. Nesse período, a empresa recebeu incentivo da aceleradora 21212, que forneceu capital e ofereceu profissionais para desenvolver o projeto – designer, desenvolvedor, investidor, pessoas de business. Em troca, a empresa recebeu 20% do lucro da locadora.

A estudante de Administração Luisa Perdido alugou três livros na GoBooks, no semestre passado, e, em agosto, comprou dois títulos. Luisa afirma que os professores estimulam os alunos a comprar livros de recém-formados, que têm a versão mais recente do material.

– O problema (de comprar livros de ex-alunos) é que o preço é quase o mesmo encontrado nas livrarias. Na GoBooks, tive a facilidade de comprar o livro que eu queria, em bom estado, e com rápida entrega.

O acervo de títulos começou a ser montado, em março de 2012, com 30 exemplares. Mas os três sócios da GoBooks começaram a alugar livros em outubro, e a locadora teve 120 obras retiradas do estoque até dezembro. A locadora compra livros de alunos, é parceira de distribuidoras e das editoras Campus Elsevier, Cengage, Saraiva e Pearson.

Para o subeditor da Editora PUC-Rio, Felipe Gomberg, o aluguel de publicações a preço reduzido pode beneficiar o comércio das editoras, a partir de maior circulação de exemplares entre leitores. Gomberg acredita que a leitura das obras pode despertar o interesse do aluno de comprar o material. O subeditor afirma que o projeto do estudante ainda é incipiente e não ameaça o lucro de editoras.

– O aumento do aluguel de exemplares pode inibir a fotocópia. Para estas editoras parceiras do GoBooks pode ser mais interessante vender dez exemplares para o grupo, para circular entre cem alunos, do que todo semestre ter circulação de cópias clandestinas.

Cultura: Ex-aluno da Universidade cria livro que aborda a variação cultural existente na comunidade em que vive

Davison Coutinho lança produção sobre a Rocinha

Na categoria Projetos e Práticas, o design da edição foi premiado em terceiro lugar na Mostra PUC 2013

JULLIA MENDONÇA

JORGE PAULO

'Um olhar cultural sobre a Rocinha' é o nome da obra de Coutinho

O livro *Um olhar sobre a produção cultural na Rocinha* é um projeto de conclusão do curso de Desenho Industrial da PUC-Rio, de Davison Coutinho. O autor da obra é nascido e criado na Rocinha, no Rio de Janeiro. O ex-aluno do NEAM, Núcleo de Estudos e Ação sobre o Menor, tinha como objetivo mostrar a diversidade cultural dentro da comunidade e desconstruir a imagem negativa que, por vezes, a sociedade tem sobre os moradores.

O exemplar apresenta 12 produções artísticas, entre elas música, artes, esporte, educação e mídia, e a maior parte do livro é composta de fotos tiradas pelo próprio autor. Elas mostram o dia a dia dos moradores, as dificuldades que enfrentam e o entrosamento com cada morador.

– Na produção das fotos eu não tinha muita experiência com fotografia, eu tinha aprendido um pouco de técnica na faculdade, e aí eu peguei a câmera e saí, comecei a subir escada, subir beco. Eu queria mostrar justamente para as pessoas que não conheciam a Rocinha, o lado positivo, a relação com os moradores, a proximidade, um ajudando o outro, chegar e sentar na porta, tomar uma cerveja na rua, na escada. As pessoas aqui são bem próximas – disse Coutinho.

O projeto de conclusão de curso durou quase um ano, foram seis meses de pesquisa e seis meses para realizar o design do livro. Dentre as 50 produções pesquisadas, o autor selecionou 12 delas para publicar no *Um olhar sobre a produção cultural na Rocinha*.

O livro foi lançado no mês de setembro no Anfiteatro Juanito Brandão. Entre os convidados estavam o grupo de valsa Sonhos de Uma Noite, que realizarou uma apresentação com casais caracterizados com vestidos longos e fardas. A escola de capoeira Acorda Capoeira também estava presente. As atividades culturais são da Rocinha e estão presentes no livro.

– Acho que a cultura é um elemento que tem ajudado bastante na transformação da comunidade, dos moradores. Eu acho que a Rocinha hoje vive uma nova realidade, uma nova libertação que teve após as políticas públicas instaladas no local, e isso tem ajudado muito na transformação dos moradores. É um elemento que já acontece há muito tempo e sempre foi um refúgio para uma vida muito dura dos moradores. As pessoas viam na cultura uma forma de alívio – explica o autor.

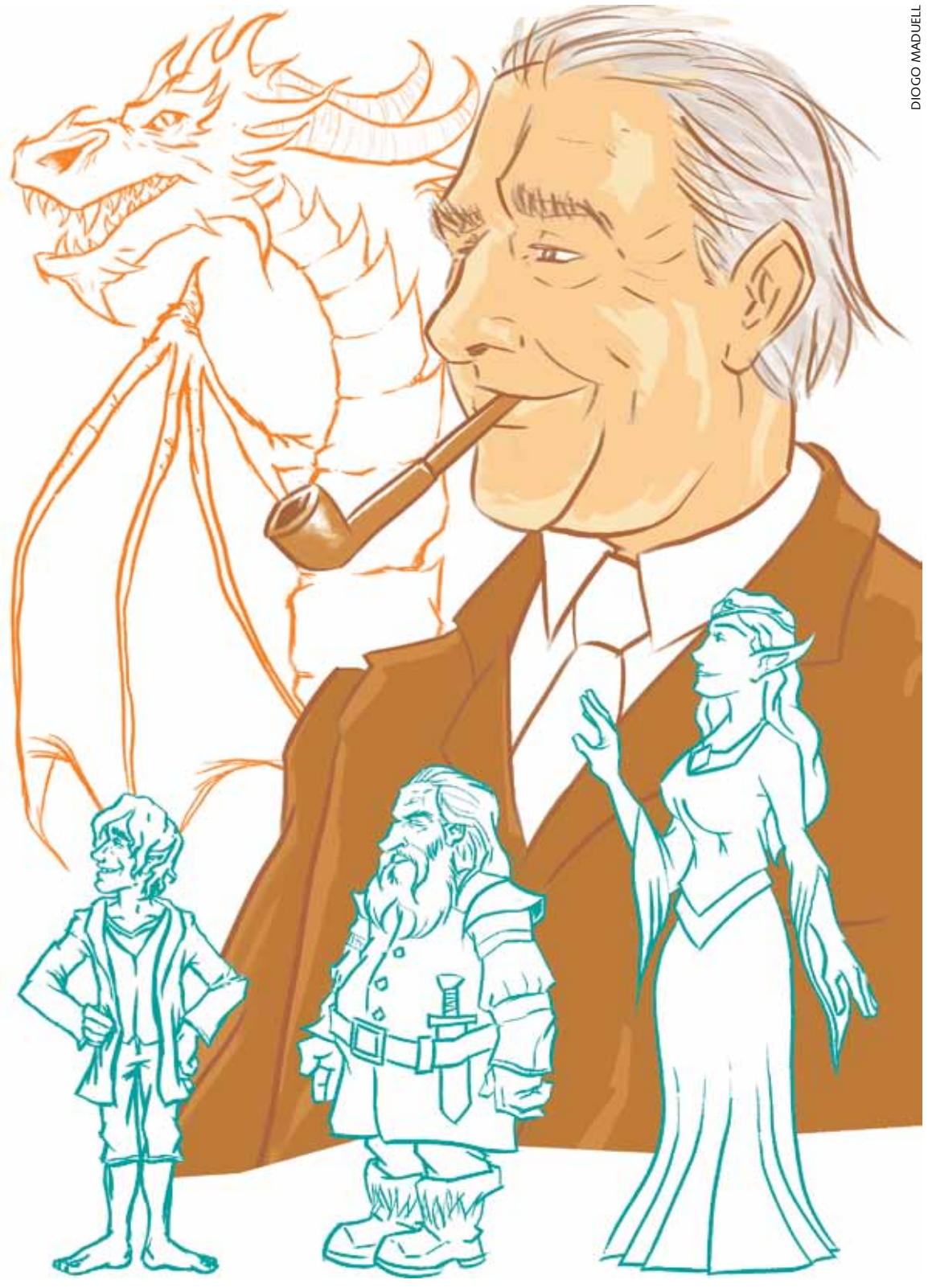
Atualmente Coutinho escreve para o Jornal do Brasil Online na sessão Comunidade em Pauta. Ele escreve os principais problemas, polêmicas e necessidades que a comunidade possui. Além disso, o autor está se candidatando a vaga de mestrado em Desenho Industrial na PUC-Rio. Ele acredita que com isso consiga arrecadar mais material para um possível livro futuro.

– Eu também quero fazer outros livros que não falem só da Rocinha como de outras comunidades que também têm a oportunidade de mostrar os valores dos moradores, os aspectos positivos. Aqui da Rocinha, eu tenho vontade de fazer um livro sobre a gastronomia, porque há muitos botequins, lanchonetes que têm umas comidas típicas bem legais como a cultura nordestina, que vale a pena ser mostrada – revelou.

Literatura: Há 40 anos, morria o autor de 'O Hobbit' e 'O Senhor dos Anéis', considerado o pai da fantasia moderna

Simplesmente Tolkien

O professor que mostrou ao mundo que fantasia vai além dos contos de fada



DIOGO MADUELL

FELIPE MARQUES

"Em um buraco no chão vivia um hobbit". Há 82 anos, enquanto analisava documentos de alunos que queriam ingressar na Universidade de Oxford, na Inglaterra, o professor John Ronald Reuel Tolkien, ao encarar uma página em branco, escreveu sem saber o porquê as palavras inaugurais de um marco na fantasia moderna. Publicado quase dez anos mais tarde, em setembro de 1937, *O Hobbit*, hoje considerado clássico da literatura universal, antecedeu a aclamada trilogia *O Senhor dos Anéis*, que vendeu mais de 160 milhões de cópias ao longo de quase 60 anos de existência e foi considerado uma das obras mais importantes do século. No dia 2 de setembro de 1973, 40 anos atrás, Tolkien morreu aos 81 anos vítima de uma úlcera.

Natural da cidade de Bloemfontein, na África do Sul, Tolkien nasceu no dia 3 de janeiro de 1892. Aos 3 anos, ele, a mãe e o meio-irmão foram para a Inglaterra, terra natal de seus pais e onde foi naturalizado britânico. De formação católica, ele cresceu lendo e ouvindo contos de fadas em grego e latim. Lutou na Primeira Guerra Mundial e retornou para casa em 1919, aos 27 anos, quando começou a escrever os conceitos, histórias e personagens do que se tornou, mais tarde, *O Silmarillion*. Este livro, publicado postumamente por seu filho, é considerado o antecessor de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* e foi a obra mais apaixonada do autor, embora não tão conhecida pelo público.

Tolkien ficou conhecido como o pai da literatura fantástica moderna. Muitos criadores contemporâneos de fantasia, tal qual J. K. Rowling, autora de *Harry Potter*, George Lucas, idealizador da série *Star Wars*, e George R. R. Martin, que escreveu *As Crônicas de Gelo e Fogo*, inspiraram-se no universo tolkieniano. De acordo com Leonardo Berenger, professor do Departamento de Letras da PUC-Rio, a literatura fantástica não tem compromisso com a verossimilhança, e é esse o traço mais marcante que a distingue dos demais gêneros literários.

– Às vezes, teremos aspectos sobrenaturais, ilógicos e irracionais. O fantástico rompe com a verossimilhança, que é essa característica que aproxima a ficção da realidade, que mantém a ficção atrelada ao real. O fantástico não se preocupa em parecer real – explica.

Cada fã se relaciona com a obra de Tolkien de uma maneira diferente. Não existe consenso quanto ao melhor livro, nem sequer sobre qual a maior herança que o autor deixou aos fãs. Lucas Izumi, de 23 anos, é aluno do 7º período de Sistemas de Informação na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Diamantina, Minas Gerais. Izumi conheceu Tolkien pela internet e, para ele, o maior mérito da obra tolkeniana não se trata de um livro em particular, mas de todo o universo criado.

– O maior mérito não é um livro em especial, mas todo o universo que o autor criou. Ele é muito criticado pelo excesso de detalhes nas suas descrições, mas isso faz perceber o quão apaixonado ele era pela Terra Média. A linguagem, escrita e mapas também criados por ele reforçam essa ideia – assinala.

De Tolkien, Izumi já leu a Trilogia do Anel, *O Hobbit* e *O Silmarillion*, mas *O Hobbit* é o seu preferido. Já Bruno Borba, de 26 anos, aluno do terceiro período de Comunicação Social da Universidade, leu as três principais obras de Tolkien e *Contos Inacabados* (uma série de histórias sobre a Terra-Média compiladas pelo filho do escritor, Christopher Tolkien), tudo em menos de um ano. Atualmente ele está lendo *Os Filhos de Húrin*, o livro mais recente publicado por Christopher, em 2007. Mas Borba vai além: a paixão pelo universo de Tolkien é tamanha que ele chegou a tatuar nas costas os Portões de Mórdor, um dos locais por onde Frodo passa na missão de destruir o anel. Ele também decorou uma música em adunaico, um dos idiomas criados por Tolkien em *O Senhor dos Anéis*.

Tão grande quanto a Terra-Média, a legião de fãs de Tolkien está espalhada por todos os lugares. Na internet, o site Tolkien Brasil reúne notícias, artigos, resenhas, vídeos e qualquer tipo de material relacionado ao professor. Surgido de um grupo de Facebook que tentava unir os fãs do autor espalhados por Minas Gerais, o site ganhou proporções e opera com um grupo dividido entre os principais estados do Brasil. Eduardo Stark, advogado e administrador do Tolkien Brasil, elege a amplitude detalhista e realista do universo tolkeniano como o motivo pelo qual Tolkien se tornou um marco na fantasia moderna.

– O fato de ter criado um mundo com tantos detalhes e realismo mudou a percepção e conceitos sobre o que seria fantasia e contos de fadas. Em linhas gerais, pode-se dizer que Tolkien foi um marco da fantasia moderna, pois suas obras são base para praticamente todas as obras posteriores que possuem aspectos de fantasia – explicou.